

O ENUNCIADO CONCRETO EM TESSITURAS ENUNCIATIVO- DISCURSIVAS LITERÁRIAS SOBRE O SERTÃO / NORDESTE / SEMIÁRIDO

THE *CONCRETE UTTERANCE* IN LITERARY
ENUNCIATIVE-DISCURSIVE TESSITURAS ABOUT
THE SERTÃO / NORTHEAST / SEMIARID

Hugo Pedro Silva dos Santos



Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

RESUMO

O termo *enunciado concreto* estabelece tanto uma ruptura quanto um posicionamento epistemológico do Círculo de Bakhtin acerca da produção de conhecimento em Linguística e Literatura. Desta feita, os estudos aqui realizados objetivam tratar reflexivo-teoricamente acerca do conceito de *enunciado concreto*, pensando-o a partir da mobilização de excertos de obras da denominada literatura das secas, tais quais *O Quinze*, de Rachel de Queiroz (2012 [1930]) e *Luzia-Homem* (1977 [1903]), de Domingos Olympio Braga Cavalcanti (1977 [1903]). Assim, em termos metodológicos, procede-se com o esboço de uma leitura enunciativo-discursiva baseada nos pressupostos teóricos bakhtinianos. A pesquisa é de cunho bibliográfico, realizada através do levantamento de referências já publicadas acerca do tema, de forma que os estudos se basearam em alguns autores como Volóchinov (2018 [1929]; 2019); Bakhtin (2011 [1979]; 2015 [1975]); Medviédev (2012 [1928]); Santos Filho e Santos (2021); Albuquerque Jr. (2011; 2017; 2019), dentre outro(a)s. Os resultados apontam para a compreensão de que *enunciados concretos* participam da vida de significações filiando-se a elos discursivos progressos e posteriores, que corroboram ou refratam determinado conteúdo temático forjado no processo enunciativo, a exemplo dos excertos das obras literárias



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

DATAS:

- Recebido: 03/03/2022
- Aprovado: 10/08/2022
- Publicado: 02/11/2022

COMO CITAR:

SILVA DOS SANTOS, H. P. O enunciado concreto em tessituras enunciativo-discursivas literárias sobre o Sertão/Nordeste/Semiárido. **Enlaces**, Salvador, v.3, 2022.

mobilizados, que participam da construção da noção hegemônica de sertão/Nordeste/semiárido. Ademais, os estudos bakhtinianos compreenderam que o *enunciado concreto* possui especificidades e participam da cadeia da vida de significações, construindo a realidade inteligível nas diferentes esferas da atividade humana e diferentes gêneros discursivos.

PALAVRAS-CHAVE

Dialogismo. Enunciado Concreto. Processos enunciativos. Sertão/Nordeste.

ABSTRACT

The term *concrete utterance* establishes both a rupture and an epistemological position of Bakhtin's Circle about the production of knowledge in Linguistics and Literature. Thus, the study carried out here aims at dealing reflexively and theoretically with the concept of *concrete utterance*, thinking it through the mobilization of excerpts from works of the so-called literature of the drylands, such as Rachel de Queiroz's *O Quinze* (2012 [1930]) and Domingos Olympio Braga Cavalcanti's *Luzia-Homem* (1977 [1903]). Thus, in methodological terms, we proceed with the outline of an enunciative-discursive reading based on Bakhtinian theoretical assumptions. This research is of bibliographical nature, carried out through the survey of references already published about the theme, so the studies were based on some authors such as Volóchinov (2018 [1929]; 2019); Bakhtin (2011 [1979]; 2015 [1975]); Medviédov (2012 [1928]); Santos Filho and Santos (2021); Albuquerque Jr. (2011; 2017; 2019), among others. The results point to the understanding that *concrete utterances* participate in the life of meanings affiliating themselves to previous and subsequent discursive links, which corroborate or refract certain thematic content forged in the enunciative process, as exemplified by the excerpts of the mobilized literary works, which participate in the construction of the hegemonic notion of Sertão/Northeast/Semiarid. Furthermore, Bakhtinian studies understood that the *concrete utterance* has specificities and participates in the chain of the life of meanings, building an intelligible reality in the different spheres of human activity and different discursive genres.

KEYWORD

Dialogism. Concrete Utterance. Enunciative processes. Sertão/Northeast.

1 INTRODUÇÃO

Bakhtin e o seu Círculo de Estudos possuem lugar consolidado no pensamento linguístico e literário, dando, filosoficamente, “vida” à língua(gem) e às proposições de fazer ciência. O dialogismo bakhtiniano, que emerge como questão principal do pensamento do Círculo, é permeado por uma série de conceitos que forjam o todo da teoria, debruçando-se sobre a literatura como espaço da materialização dialógico-interativa onde a língua(gem) se efetua na sua plenitude.

Neste trabalho, objetivamos tratar teoricamente acerca do conceito de *enunciado concreto*, pensando-o a partir da mobilização de excertos de algumas obras literárias como *O Quinze*, de Rachel de Queiroz (2012 [1930]); e *Luzia-Homem*, de Domingos Olympio Braga Cavalcanti (1977 [1903]), romances que compõem a denominada *Literatura das Secas* (ALBUQUERQUE JR., 2017; 2019), para fazer pensar o conceito de *enunciado concreto* e sua correlação com a história, cultura e o território, neste caso o sertão, e modos de dizer, enunciar, sobre o sertão em obras do gênero literário romanesco.

Para atender o objetivo desta investigação realizamos um percurso teórico pensando a concepção de linguagem bakhtiniana e a noção de *enunciado concreto*, conceito que emerge como o cerne do dialogismo bakhtiniano. Mediante tal questão, pensamos o *enunciado concreto* em fragmentos das obras literárias supracitadas, buscando exemplificar que o processo enunciativo se filia e mobiliza tessituras discursivas construídas na vida, sociedade e cultura, forjando, por exemplo, noções e “realidades” sobre o território, neste caso em específico sobre

o sertão/Nordeste/semiárido¹ e seu povo, mediante projetos estético-ideológicos de dizer.

Mediante os pressupostos teóricos e metodológicos propostos pelo Círculo de Bakhtin, este trabalho emerge, de forma ampla, dos estudos desenvolvidos no Grupo de Estudos em Linguística Aplicada/Queer em Questões do Sertão Alagoano (GELASAL), no qual há problematizações sobre práticas discursivas que possuam o sertão/Nordeste/semiárido como (suposto) referente e conteúdo temático.

A discussão está subdividida em cinco momentos, com o intuito de promover uma melhor compreensão acerca da investigação realizada. O primeiro é destinado a tratar sobre rupturas epistemológicas que ensejam o surgimento do conceito de *enunciado concreto*. Na segunda parte versamos sobre a concepção de linguagem a partir dos pressupostos bakhtinianos e o *enunciado concreto*, discutindo sobre sua estrutura composicional e algumas especificidades do gênero romanesco. No terceiro segmento apresentamos um esboço de leitura enunciativo-discursiva sobre excertos de obras literárias e a construção de figurabilidades sobre o sertão/Nordeste/semiárido. Por fim, tecemos algumas considerações sobre processos enunciativos, enunciados romanescos e a construção de conteúdo semântico para o território do sertão.

2 RUPTURAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS E O *ENUNCIADO CONCRETO*

O termo *enunciado concreto*, para além de um termo, palavra que carrega conceito, demarca posicionamento epistemológico nos estudos linguísticos,

¹Para Albuquerque Jr. (2011; 2019) sertão, Nordeste e semiárido são termos, palavras que carregam conceitos, que operam em relações endógenas e sinonímicas, de forma que ao enunciarmos sertão logo nos remetemos, imagetivamente, a Nordeste e semiárido.

contrapondo-se frontalmente ao objetivismo abstrato e ao subjetivismo idealista², pressupostos teóricos e filosóficos que serviram de subsídio para estudos da filologia, Linguística Histórica e, posteriormente, à Linguística Moderna inaugurada por Saussure, que, nas palavras de Volóchinov (2018 [1929]), esteve destinada a ressuscitar mortos. Essa metáfora foi utilizada pelo autor para indicar que o fazer linguístico abstrato toma como objeto de pesquisa formas estratificadas da(s) língua(s) escrita(s), muitas destas mortas e tomadas como monológicas, proposições que impossibilitariam o alcance das nuances e fluxos ininterruptos da construção da linguagem na vida e pela vida, nas interações sociocomunicativas.

Desta feita, para Volóchinov,

[...] a *língua morta, escrita e alheia* é a definição real da linguagem do pensamento linguístico.

O *enunciado isolado, finalizado e monológico*, abstraído do seu contexto discursivo e real, que não se opõe a uma possível resposta ativa, mas a uma possível compreensão de um filólogo, é a realidade última e o ponto de partida do pensamento linguístico. (VOLÓCHINOV, 2018 [1929]), p.186).

Volóchinov (2018 [1929]) argumenta que o cerne da teoria linguística moderna emerge dos pressupostos que preconizam a desconexão dos textos das suas conjunturas sócio-históricas de surgimento. Nesta senda, estudos linguísticos/filológicos estariam destinados à realização de operações intelectuais,

² Paradigmas filosóficos e linguísticos hegemônicos nas primeiras décadas do séc. XX.

O *subjetivismo idealista* pressupõe que a linguagem é representante de uma consciência que seria individual do falante, de forma que não existiriam interferências externas, a exemplo da cultura ou sociedade, na consciência do indivíduo e no processo enunciativo, sendo a língua compreendida como um ato da criação individual.

O *objetivismo abstrato* compreende e “trata” a língua como um sistema psíquico e arbitrário. Desta forma, o usuário da língua “receberia” um sistema linguístico pronto, acabado e imanente no qual não poderia interferir de forma consciente. Nesta concepção, sendo a língua um sistema autônomo e imóvel, caberia a investigação linguística, investigar o sistema em detrimento de toda e qualquer questão extralinguística. É o estudo da língua em si e por si. (VOLÓCHINOV, 2018 [1929]).

teorizações, nas quais o objeto de reflexão, neste caso a língua(gem) em sua materialização textual, deveria ser isolado de fatores externos como a cultura e o próprio sujeito que faz uso da língua(gem). Tal objeto isolado, finalizado e monológico (VOLÓCHINOV, 2018 [1929]), se configuraria, conforme exposto pelo autor, enquanto um objeto de pesquisa residual, puro, de forma que aquilo que restaria do processo de abstração seria o essencial, o elemento supostamente verdadeiro a ser investigado.

A língua, nas hipóteses do objetivismo abstrato e subjetivismo idealista, ganha caráter autônomo e de imanência, devendo ser investigada em si e por si, mediante reflexões suscitadas por questões estruturais e formais. Nesta perspectiva, o trabalho linguístico consistiria em pressupostos teórico-metodológicos que possibilitariam compreender, por exemplo, mudanças linguísticas no decorrer do tempo (SANTOS FILHO, 2016), não considerando aspectos relativos às conjunturas propiciadoras de tais mudanças, às demandas sociocomunicativas, sócio-históricas e culturais que ensejaram tais mudanças e variações.

Conforme argumenta Santos Filho (2016), o termo *enunciado concreto*, conceito objeto de reflexão neste trabalho, fora utilizado e assim nomeado por Bakhtin e pelo Círculo como contraposição teórico-reflexiva aos pressupostos filosóficos e metodológicos do objetivismo abstrato e ao subjetivismo idealista, de forma que o *enunciado*, para o dialogismo bakhtiniano, é adjetivado enquanto *concreto* porque, para além de materializar-se em diferentes semioses, ainda se configura enquanto uma materialização de tessituras vivas da linguagem nas interações sociais e cotidianas, de forma que diferentes textos mobilizam enunciados situados na vida discursiva da linguagem para confirmar sentidos propostos ou refratá-los. Assim, o *enunciado concreto* é vinculado e permeado por tessituras vivas da cultura e sociedade que atravessam práticas discursivas e sociais.

A vida, nutrida na/pela linguagem, se configura, nos pressupostos de Bakhtin e do Círculo, como uma grande arena discursiva, na qual enunciamos sendo responsivos a enunciados pregressos e posteriores. Assim, o *enunciado concreto*, que é dialógico, demanda uma contestação, uma afirmação de sentidos ou uma refratação, uma mudança de curso na cadeia discursiva (VOLÓCHINOV, 2019).

3 CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM E O ENUNCIADO CONCRETO

A linguagem, para Bakhtin e o Círculo, é tomada como fenômeno e prática da interação social realizada mediante *enunciados concretos* nos seus tipos relativamente estáveis, os *gêneros do discurso*, assim como atividade e ação na qual os sujeitos, situados em determinadas conjunturas sociais, culturais e históricas, constroem a vida de significações, a realidade inteligível, nos processos interativos da comunicação (VOLÓCHINOV, 2018 [1929]).

Bakhtin (2011 [1979]) argumenta que todos os campos da atividade humana estão ligados e animados pelo uso da linguagem, uso que não é uniforme, estanque e estratificado; ao contrário, configura-se em processo dinâmico que ocorre de acordo com demandas comunicativas dos sujeitos, que ao utilizarem a lingua(gem) a “materializam”, de maneira oral ou escrita, na forma de enunciados, que são direcionados, invariavelmente, para um “outro” do discurso, um “outro” do processo interativo e dialógico da comunicação.

O *enunciado concreto* sempre procede de um “eu” para um “outro”, de forma que todo enunciado é dialógico, sendo orientado para outra pessoa do eixo comunicativo. Tal orientação para um “outro” discursivo pressupõe uma inter-relação social e hierárquica existente entre os interlocutores, de modo que, ao enunciarmos, o fazemos imbuídos de experiências de vida e relações

socioculturais que se configuram em posições-de-sujeito, compreendendo que, alimentados diuturnamente pelas práticas languageiras, “somos os textos que circulamos” (MOITA LOPES, 2006).

Assim, o enunciado concreto emerge e depende da posição social-hierárquica, da situacionalidade na qual o sujeito discursivo se encontra (VOLÓCHINOV, 2019). É necessário destacar, ainda, que a significação enunciativa se dará, também, de acordo com a conjuntura, com as condições sócio-históricas e interativas que ensejam o surgimento de enunciados, que ensejam o uso da linguagem.

Volóchinov (2019) argumenta que tais questões se configuram como uma *orientação social do enunciado*, de forma que

[...] essa orientação social estará sempre presente em qualquer enunciado do homem, não somente o verbal, mas mesmo gestual (por meio de gestos e expressões faciais, independente da forma de sua realização [...]). (VOLÓCHINOV, 2019, p. 280).

Desta feita, o sujeito, ao enunciar, o faz de acordo com a situação e a interlocução, e, sobretudo, com seus interesses, seus objetivos comunicativos, seus pressupostos ideológicos, em diálogo com textos pregressos, suscitando respostas e enunciados posteriores.

Conforme argumenta Volóchinov (2018 [1929], p. 280), a orientação social do enunciado pode ser pensada

[...] justamente como uma daquelas forças vivas organizadoras que, junto com as condições do enunciado (a situação), constituem não somente a sua força estilística, mas até mesmo a sua estrutura puramente gramatical. (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 280).

O enunciador, a partir da orientação social e das demandas sociocomunicativas que estão aí implicadas, mobiliza e realiza, no processo

enunciativo, “escolhas” linguístico-discursivas que se configuram enquanto estratégias semânticas para que os projetos de dizer, compostos pelos enunciados, logrem êxito significativo e produzam poder vinculante junto à interlocução.

O sujeito, mediante o enunciado, verbal ou gestual, circunscreve-se no mundo em intervenções éticas e estéticas de si para os outros (MIOTELLO, 2020), para o social, configurando e operacionalizando, na e pela linguagem, modos de ser e viver, que estão em constante apreciação pelos interlocutores das relações sociais e interpessoais.

A linguagem em uso, conforme o dialogismo Bakhtiniano, se dá na forma de enunciados, que, além de possuírem uma orientação social, vinculam-se e são interdependentes às diferentes esferas ou campos da atividade humana, as quais operam como instâncias organizadoras da produção e captação de textos/enunciados em gêneros específicos do discurso (BAKHTIN, 2011 [1979]). Desta feita, é importante percebermos que esferas ou campos da atividade humana demandam e ensejam determinados enunciados em seus tipos relativamente estáveis, os gêneros do discurso, conforme necessidades comunicativas.

Bakhtin (2015 [1975]) aprofunda estas discussões e cita exemplos dos traços que remetem a comunicações culturais mais específicas e complexas: as atividades artísticas, científicas e jornalísticas, por exemplo; atividades que, a partir das demandas e condições sociais, servem/serviram para estabilizar e desenvolver os gêneros do discurso em seus diferentes suportes.

Na esfera de atividade humana artística, esfera mais complexa da comunicação, podemos destacar a literatura, em específico o gênero literário romanescos, pois, nas palavras de Bakhtin (2015 [1975]), tais obras podem ser consideradas grandes enunciados, mundos de significações compostos por enunciados menores que se emaranham formando um todo significativo, uma

intervenção ética e estética na realidade ou em dado fragmento da realidade, que não a representa, mas a propõe, buscando construí-la mediante projetos discursivos-literários e estético-ideológicos (BAKHTIN, 2015 [1975]).

A linguagem, realizada mediante processos enunciativos, não representa dada realidade que a precede; ao contrário, o processo enunciativo, nos diferentes gêneros discursivos com seus objetivos e especificidades, constroem dada realidade. Ao refletirmos sobre enunciados textuais, compreendemos que, de acordo com pressupostos bakhtinianos e com Koch (2009), ao enunciarmos realizamos, mediante o processo enunciativo, a constituição de um “objeto-do-discurso” que é nutrido por preocupações com operações linguístico-textuais dos sujeitos que se configuram, para Volóchinov (2018 [1929]), como demandas comunicativas que requerem determinadas estratégias interativo-comunicativas.

Ao tratarmos também sobre enunciados literários, situados na esfera da atividade humana artística, é importante considerarmos as suas especificidades, em especial o fato de que, para Bakhtin (2015 [1975]), na obra romanesca ocorre uma refração da realidade que constitui um projeto estético-ideológico do autor, de forma que não temos na literatura a linguagem crua, mas a imagem da linguagem, a representação das diferentes linguagens e estilos situados na vida, a exemplo das formas do discurso filosófico e político que podem ser mobilizados pelo autor na construção da personagem na obra romanesca. Tais questões demonstram algumas especificidades que tornam uma obra romanesca/literária diferente de uma obra não literária.

Para Volóchinov (2018 [1929]) e Bakhtin (2015 [1975]), ao enunciarmos não elaboramos informações simplesmente, mas (re)reconfiguramos e (re)construímos o próprio real, na compreensão de que o que tomamos como realidade, do que enunciamos enquanto tal é construído, destruído, contestado e atacado nas interações cotidianas. Assim, quando enunciamos não estamos fazendo referência, representando um dado progresso no mundo, mas sim

estabelecendo “referenciação”, entendida, conforme Koch (2009), como uma atividade discursiva.

Conforme Volóchinov (2018 [1929]), o *enunciado concreto* não emerge de uma consciência individual do(a) falante, de forma que o sujeito, seu (in)consciente e enunciados são povoados por textos alheios, por projetos discursivos que lograram (ou não) êxito e produziram poder vinculante junto ao sujeito.

Assim, podemos afirmar que a consciência do sujeito é coletiva e que seus enunciados estão povoados por discursos de outros sujeitos, de forma que diferentes textos são povoados, invariavelmente, por *discursos alheios*, ou seja, de discursos dentro de discursos, de enunciados dentro de enunciados, assim como de discursos sobre discursos, de enunciados sobre enunciados (VOLÓCHINOV, 2018 [1929]).

É importante destacar que o processo enunciativo, processo dialógico, interativo e social do qual emerge o enunciado como artefato, é efetuado pelos sujeitos a partir de suas demandas comunicativas, para suas intervenções no mundo de acordo com pressupostos ideológicos que o mobilizam e o fazem citar e refratar enunciados pregressos. Assim, pode-se perceber que o enunciado é concreto e, sobretudo, emerge de situações concretas da comunicação cotidiana, na qual há um poderoso e ininterrupto fluxo da linguagem viva, com a qual o sujeito enuncia, não mobilizado por regras estruturais e abstratas, mas por suas demandas interativo-comunicativas (VOLÓCHINOV, 2019). Há de se destacar, também, que enquanto um evento único e irrepetível, o enunciado, assim como o sujeito, é situado, “emerge” de conjunturas socioculturais específicas e situadas.

3.1 SOBRE A ESTRUTURA COMPOSICIONAL DO ENUNCIADO CONCRETO

Conforme destaca Bakhtin (2015 [1975]), os enunciados atendem condições específicas e finalidades dos diferentes campos e esferas da atividade humana e são compostos “estruturalmente” pelo conteúdo temático e pelo estilo da linguagem que se configuram mediante “escolhas/estratégias” linguístico-discursivas dos sujeitos na mobilização de recursos lexicais, gramaticais e fraseológicos da língua.

O *enunciado concreto* é a unidade real da comunicação discursiva, configurando-se como um evento único, um acontecimento irrepetível na cadeia de discursos, haja vista que um enunciado pode ser tão somente citado, conforme podemos identificar em Bakhtin (2011 [1979]) e Volóchinov (2018 [1929]). Conforme argumentam os filósofos da linguagem, o enunciado preenche e possui uma forma, uma estrutura sintagmática, ao tempo que é preenchido por um conteúdo de caráter temático, significativo e, sobretudo, ideológico. Nesta senda, o enunciado é estruturado por três elementos - a composição, o conteúdo temático e o estilo -, dados que permitem o reconhecimento de formas relativamente estáveis de enunciados, ou seja, os *gêneros do discurso*.

É importante considerarmos que cada esfera da atividade humana demandará determinados gêneros do discurso, cada qual com suas especificidades. Acerca do gênero literário romanesco, situado na esfera artística, Bakhtin (2015 [1975], p. 28) argumenta que há uma unidade *estilístico-composicional* na qual costuma-se decompor de forma geral toda a “estrutura” romanesca, tais quais i) a narração direta do autor; ii) estilização de diferentes formas de narração oral do dia-a-dia; iii) estilização das diferentes formas escritas do cotidiano; iv) diferentes formas do discurso literários; e v) discursos estilísticos individualizados dos heróis.

Bakhtin (2015 [1975], p. 29) considera que

[...] a originalidade do gênero romanesco reside de fato na combinação dessas unidades subordinadas, mas relativamente independentes (às vezes até heterolinguísticas) na unidade superior do conjunto: o estilo do romance reside na combinação de estilos; a linguagem do romance é um sistema de linguagens. (BAKHTIN, 2015 [1975], p. 29).

Desta forma, podemos depreender que unidades estilísticas heterogêneas escritas e orais, situadas na vida, são representações imagéticas no texto romanesco que se harmonizam no sistema literário, subordinando-se à unidade estilística superior do conjunto da obra (BAKHTIN, 2015 [1975]).

Ao afirmarmos, embasados em Volóchinov (2018 [1929]), que o enunciado da vida e o enunciado literário possuem estrutura regular, devemos considerar, também, que a língua(gem) não é algo imóvel ou estanque, definida em/por regras gramaticais, mas que se movimenta e anima de forma ininterrupta seguindo e sendo alimentada pela vida social (VOLÓCHINOV, 2019).

Desta forma, podemos compreender que o enunciado concreto é, sobretudo, dialógico, pois mantém relação direta e significativa com outros textos pregressos e posteriores, outros enunciados que são mobilizados na cadeia discursiva da vida.

O enunciado é dialógico, é interativo, pois parte de um enunciador, que coloca a língua[gem] em funcionamento, para um enunciatário, sujeito para o qual se fala/escreve, o que implica em compreender que posições de sujeito, neste processo interativo, determinam o que se enuncia e como se enuncia; é dialógico porque articula de forma ininterrupta um discurso interior (os quais nem sempre ganham vida), no qual os sujeitos colocam em crivo avaliativo enunciações do(s) outro(s), e um discurso exterior que se filia à elos enunciativo-discursivos anteriores e posteriores que funcionarão como resposta a esses enunciados, históricos e culturais, que são mobilizados para contestar, invalidar, propor novos

sentidos etc. Assim, o sujeito que enuncia é permeado, invariavelmente, por enunciados alheios, por vozes alheias.

Destarte, o enunciado concreto e dialógico, a instância real da comunicação discursiva, é o que dá vida à língua[gem], de acordo com a teoria bakhtiniana. Nestes pressupostos, não há possibilidade de realizar estudos linguísticos e literários desconectados de questões sociais, históricas e culturais que são forjadas, justamente, pelas práticas discursivas. A linguagem em uso, materializada no *enunciado concreto* por parte dos sujeitos, funciona como argila na mão de artesãos/artesãs, que mediante a composição, o conteúdo temático e o estilo, propõem um mundo, uma realidade de significações na arena discursiva e interativa da vida.

4 NA LITERATURA, FIGURABILIDADES E DIZIBILIDADES ENUNCIATIVO-DISCURSIVAS SOBRE SERTÃO/NORDESTE

Existem diferentes paradigmas epistemológicos e procedimentos metodológicos para a análise de enunciados concretos. Aqui tratamos em específico e sinteticamente sobre procedimentos para um esboço de *leitura enunciativo-discursiva*. Para proceder com tal análise sobre enunciados concretos o(a) pesquisador(a) deverá se atentar à: i) esfera da atividade humana na qual emerge o enunciado; ii) às especificidades e objetivos do gênero discursivo e aos modos pelas quais a linguagem está funcionando em determinado processo enunciativo; iii) interpretação das camadas discursivas históricas reverberadas nos respectivos enunciados e buscando perceber como essas estão situadas na cadeia discursiva da vida. Tais questões balizam, sinteticamente, o que se configura enquanto uma leitura “enunciativo-discursiva”, conforme demonstrado

em Santos Filho e Santos (2021) a partir das ideias de Bakhtin (2011) e Volóchinov (2018 [1929]).

Acerca dos enunciados literários e suas especificidades, a exemplo da obra romanesca, é importante considerarmos o que afirma Medviédev (2012 [1928] p. 195), ao argumentar que

Em primeiro lugar, a obra se orienta para os ouvintes e os receptores, e para determinadas condições de realização e de percepção. Em segundo lugar, a obra está orientada na vida, como se diz, de dentro, por meio de seu conteúdo temático. A seu modo, o gênero estará tematicamente orientado para a vida, para seus acontecimentos, problemas e assim por diante. (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 195).

Ora, podemos perceber que a obra romanesca, que se configura como um grande enunciado permeado por enunciados menores, também possui uma orientação no mundo, uma orientação social, se configurando como um elo reflexivo/refratário de elos discursivos culturais e sócio-históricos, conforme aponta Medviédev. Desta forma, o romance é nutrido por questões da vida e se orienta para a vida social.

Desta forma, caso isolemos o enunciado concreto literário, a exemplo da obra romanesca, da sua realidade sócio-histórica e cultural ou caso tentemos compreendê-la desatrelada de seus revérberos ideológicos, temáticos e significativos, estaremos nos debruçando tão somente acerca de questões estruturais, quais sejam seus aspectos morfológicos, sintáticos e estilísticos, estaríamos, desta forma, operando sob um objeto-coisa sem vida, residual (BAKHTIN, 2011 [1979]).

Para Bakhtin (2015 [1975], p. 29),

“[...] romance como um todo verbalizado é um fenômeno pluriestilístico, heterodiscursivo e heterovocal. Nele o pesquisador esbarra em várias unidades estilísticas heterogêneas, às vezes

jacentes em diferentes planos da linguagem e subordinadas às leis da estilística”. (BAKHTIN, 2015 [1975], p. 29).

Nesta perspectiva, o romance representa, através da refração ideológica do autor, imagens da linguagem na vida social, sendo constituído por diferentes vozes sociais, discursos e estilos linguísticos (BAKHTIN, 2015 [1975]). O que significa dizer que o projeto estético-ideológico do autor é alimentado pelas práticas de linguagem situadas na vida e suas diferentes esferas de atividade humana. Há de se considerar, também, que o autor está promovendo uma intervenção ética e estética na realidade e na vida social (MIOTELLO, 2020) compondo elos discursivos pregressos e posteriores.

Nesses pressupostos, podemos pensar, como exemplo, no fragmento da obra *Luzia-Homem*, de Cavalcanti (1977 [1903]), que versa temática e significativamente sobre retirantes sertanejo(a)s, conforme podemos observar:

Eram pedaços da multidão, varrida dos lares pelo flagelo, encalhando no lento percurso da tétrica viagem através do sertão tostado, como terra de maldição ferida pela ira de Deus; esquálidas criaturas de aspecto horripilante, esqueletos automáticos dentro de fantásticos trajes, rendilhados de trapos sórdidos, de uma sujidade nauseante, empapados de sangue purulento das úlceras, que lhes carcomiam a pele, até descobrirem os ossos, nas articulações deformadas. E o céu límpido, sereno, de um azul doce de líquida safira, sem uma nuvem mensageira de esperança, vasculhado pela viração aquecida, ou intermitentes redemoinhos a sublevarem bulções de pó amarelo, envolvendo como um nimbo, a trágica procissão do êxodo. (OLÍMPIO, 1903, p. 06)

No fragmento há a marcação estilística de um discurso indireto, no qual o narrador conta aos leitores determinadas questões, de forma que não há voz de personagens, mas a predominância da linguagem do narrador em um processo, neste caso, de “descrição” do que seria o fenômeno da retirada. Questão

estratégica e importante para imprimir sentidos sobre o espaço e sobre os sujeitos retirantes, pois o narrador funcionaria como porta-voz.

O fragmento faz referência à retirada de sertanejo(a)s do contexto de “seca” e dos flagelos que estariam implicados a esse fenômeno climático que seria inerente ao território. Como estratégias linguístico-discursivas mobilizadas pelo autor, temos o processo de nomeação, atividade linguística na qual se categoriza elementos constitutivos das experiências dos sujeitos em signos linguísticos: as palavras (BIDERMAN, 2014), que foram mobilizadas, neste caso, para produzir significação imagética e, por conseguinte, forjar tematicamente a noção de retirada, nomeada e caracterizada enquanto “a trágica procissão do êxodo”.

Como adendo, para Albuquerque Jr., (2017), a configuração discursiva da retirada na literatura das secas mobiliza narrativas construídas ainda nos textos bíblicos do êxodo, ou dos martírios de Jesus pela Via-crúcis. Tal elemento pode ser percebido justamente pelo uso da palavra êxodo pelo autor, dando à retirada significado similar aos sofrimentos do povo hebreu, numa trágica caminhada composta por sofrimentos significativos. Reside, em tal considerações, outro exemplo de que o processo enunciativo mobiliza enunciados pregressos.

Há, ainda, no fragmento supramencionado, o processo de adjetivação, no qual o uso de adjetivos opera para modificar e valorar um substantivo, qualificando-o ou “desqualificando-o”, acrescentando qualidades, não qualidades, uma extensão ou quantidade àquilo que nomeia, conforme Valério (2005). Assim, a adjetivação se configura enquanto uma estratégia linguístico-discursiva importante para ampliar a significação e a valoração discursiva de substantivos, de modo que nomes podem ser superdimensionados semanticamente em espécie de “hipérbole de significação”, questão que podemos notar, por exemplo, quando as personagens retirantes são caracterizadas mediante uma série de adjetivações, tais quais “pedaços de multidão” e “esquálidas criaturas de aspecto horripilante”.

Conforme Bakhtin e o Círculo, não temos, nesse fragmento enunciativo-discursivo literário, ou na totalidade da obra, uma “representação” acerca da realidade de nortistas³ retirantes, mas uma proposta discursiva estético-literária e estético-ideológica que participa da construção das noções de sertão mediante refratações imagéticas do autor e, por conseguinte, da noção de retirada, compondo a vida de significações mediante as especificidades do gênero literário. Assim, tal enunciado contribui/contribuiu para construir um conjunto significativo, temático e imagético que “impregna” sentidos históricos hegemônicos sobre a palavra *retirante(s)* e, de forma mais ampla, sobre *sertão/Nordeste*, conforme podemos verificar nas pesquisas de Albuquerque Jr. (2019) e Santos Filho e Santos (2021). Assim, podemos inferir, de acordo com o apontado por conforme Albuquerque Jr., (2019), que tal obra compõe tecidos enunciativos, elos discursivos significativos e imagéticos que inventaram o Nordeste a partir do regionalismo.

Santos Filho e Santos (2021) argumentam que noções sobre a retirada de sertanejo(a)s nortistas foram recuperadas enunciativo-discursivamente em matéria da revista *Época*, publicada no dia 25 de maio de 2021, através da manchete: “Os retirantes do coronavírus: abatidos pela crise, migrantes nordestinos fazem o caminho de volta”. Tal dado apresentado pelos linguistas nos é didático para fazer perceber que a obra *Luzia-Homem*, de Cavalcanti (1977 [1903]), serviu de seiva discursiva e é um dos elos para produzir/alimentar tematicamente a noção de retirada, significados estes que foram recuperados, em alguma medida, pela revista *Época*.

Assim, podemos perceber que o enunciado, apesar de ser um evento único na cadeia discursiva da vida, recupera e compõem elos na comunicação discursiva, de modo que quando enunciamos determinada palavra, pensemos em

³Consideramos que as personagens retirantes são nortistas, pois no cronotopo do enredo da obra, final do séc. XIX, ainda não existia Nordeste, mas sim Norte, províncias do Norte, conforme Albuquerque Jr. (2019).

sertão, por exemplo, temos um substantivo carregado de conteúdo histórico, de uma temporalidade constitutiva que é mobilizada se filiando a um elo discursivo, que são mobilizadas para reafirmar determinados sentidos ou refratá-los e contestá-los.

Outra obra que compõe a denominada Literatura das Secas (ALBUQUERQUE JR., 2019) é *O Quinze*, de Rachel de Queiroz (2012 [1930]), que se filia à proposta político-literária do naturalista Franklin Távora no prefácio de sua obra, *O cabeleira* (1993 [1876]), precursor do regionalismo, na qual o(a) escritor/escritora seria escritor/escritora e etnógrafo(a), trazendo as paisagens, as tradições, as narrativas orais, a cultura, tendo como principal mote a “seca” do sertão, ao articular suposta descrição espacial do espaço sertanejo e vivências das personagens neste espaço de desolação, o sertão.

Como exemplo, podemos citar fragmento de *O Quinze* em que Vicente caminha pelo espaço sertanejo:

Vicente marchava através da estrada vermelha e pedregosa, orlada pela galharia negra da caatinga morta. Os cascos do animal pareciam tirar fogo nos seixos do caminho. Lagartixas davam carreirinhas intermitentes por cima das folhas secas no chão que estalavam como papel queimado. O céu, transparente que doía, vibrava, tremendo feito uma gaze repuxada.

Vicente sentia por toda parte uma impressão ressequida de calor e aspereza.

Verde, na monotonia cinzenta da paisagem, só algum juazeiro ainda escapou à devastação da rama; mas em geral as pobres árvores apareciam lamentáveis, mostrando os cotos dos galhos como membros amputados e a casca toda raspada em grandes zonas brancas.

E o chão, que em outro tempo a sombra cobria, era uma confusão desolada de galhos secos, cuja agressividade ainda mais se acentuava pelos espinhos. (QUEIROZ, 2012 [1930], p. 15).

No fragmento, temos, novamente, como grande mote a adjetivação do que seria o espaço sertanejo, de forma que a estrada é caracterizada enquanto

“vermelha e pedregosa” da mesma maneira em que a caatinga é “morta”. Vicente, nesta caminhada, se deparava, nesse espaço sertanejo proposto, com o cinza da paisagem, marcada pela “impressão ressequida de calor e aspereza”. Não há espaço para sombra nesse sertão, pois há “confusão desolada de galhos secos” com agressividade acentuada pelos espinhos das catingueiras.

No bojo do fragmento temos uma refração a partir do projeto estético-ideológico da autora do que seria o espaço sertanejo, ou melhor, conforme Volóchinov (2018 [1929]), um projeto de dizer do que seria o espaço sertanejo. Linguisticamente, temos a composição de um arranjo enunciativo-imagético acerca do espaço, enunciados que servem/serviram de seiva para alimentar nordestinidades produzindo figurabilidades sobre o espaço enunciado sertanejo, nutrindo e (re)construindo sentidos sobre o sertão, capturando-o para o Nordeste, haja vista que, até meandros do séc. XIX, o termo sertão ainda guardava sentidos de terras pacatas afastadas do litoral, estando, assim, presente em todas as regiões do país.

Há, no trecho supramencionado de *O Quinze*, a construção temática da proposta estético-ideológica de um sertão seco, inóspito e morto, mediante significação, materializações enunciativas textuais, que articulam processos de nomeação e adjetivações que produzem sentidos sobre a região de solo movente (ALBUQUERQUE JR., 2011), na qual os sentidos sobre o território não preexistem ao discurso, mas são construídos/destruídos diuturnamente nas práticas de discurso, na ação enunciativo-discursiva.

Conforme argumenta Albuquerque Jr. (2011; 2017; 2019), o Nordeste foi inventado mediante um agregado sensível de imagens e discursos que aliou questões culturais e geográficas sedimentadas pelo regionalismo. Desta forma, podemos perceber que tanto *Luzia-Homem*, de Cavalcanti (1977 [1903]), quanto *O Quinze*, de Queiroz (2012 [1930]), participaram e compuseram o elo, as tessituras enunciativo-discursivas do regionalismo, construindo e nutrindo noções sobre o

espaço sertanejo mediante a produção estético-literária político-ideológica de dizibilidades e figurabilidades sobre o ainda Norte brasileiro e, posteriormente Nordeste.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Debruçar-se teoricamente sobre o enunciado concreto é percebê-lo enquanto um elemento fundante do dialogismo bakhtiniano, de forma que pensar a linguagem em uso, a linguagem enquanto prática social que constrói a realidade inteligível deve perpassar por compreender que enunciado concreto é seu elemento primeiro e primordial. Parafraseando Volóchinov (2018 [1929]), o *enunciado concreto* penetra a vida e, ao mesmo tempo, é penetrado por ela, através das relações sociais. Assim, ao considerar as particularidades do gênero romanesco, podemos afirmar, com base em Bakhtin (2015 [1975]), que o romance é permeado pela refratação da realidade por parte do autor e pela articulação de discursos, de vozes, de linguagens e estilos situados na vida, compondo o todo significativo da obra literária.

Ao se falar que o *enunciado concreto* é vivo, significa dizer que a linguagem, as diferentes práticas discursivas, são sempre direcionadas para “outros” do elo discursivo e que o enunciado compõe constrói e reconstrói, compõem e recompõem, elos discursivos que são mobilizados para afirmações ou refratações. Como exemplo, podemos pensar as obras com as quais dialogamos neste trabalho, obras do gênero romanesco, gênero que possui especificidades e que pode ser considerado à luz das ideias Bakhtinianas (2015 [1975], p. 29) como um “[...] heterodiscurso social artisticamente organizado [...]”. Assim, podemos argumentar que nas obras e nos fragmentos mobilizados não há uma realidade nua e crua, mas uma refratação estético-ideológica do autor que insere o romance

na cadeia discursiva da vida, nutrindo determinadas noções sobre o espaço sertanejo.

Outrossim, realizar análises dialógicas da Literatura, estudos enunciativo-discursivos e análises dialógicas do discurso, perpassa por compreender a orientação social do enunciado, suas especificidades, a composição do projeto estético-ideológico, as relações sócio-hierárquicas estabelecidas, o arranjo formal do enunciado concreto literário - composição, conteúdo e estilo - de maneira que conteúdo e forma estão atrelados, mas situados à vida, à história e cultura, elementos que devem ser investigados em sua complexidade e não podem estar dissociados da vida de significações, para não incorremos no “tratamento” de um objeto-morto, monológico e abstrato.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JR., D. M. As imagens retirantes: a constituição da figurabilidade da seca pela literatura do final do século XIX e do início do século XX. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 33, n.61, p. 225-251, jan/abr 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/JVJF8gfD7f8SHFBvX9twjm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2021.

ALBUQUERQUE JR., D. M. O Rapto do Sertão: a captura do conceito de sertão pelo discurso regionalista nordestino. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, n. 25, p. 21-35, maio/nov 2019. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/revista-observatorio-25-serto-es-imaginarios-memorias-e-politicas>. Acesso em: 10 out. 2021.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011 [1979], p. 261-270.

BAKHTIN, M. **Teoria do romance I A estilística**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015 [1975].

BIDERMAN, M. T. C. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. **Letras de Hoje**, v. 22, n. 4, 15 abr. 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/17049>. Acesso em: 10 jul. 2021.

CAVALCANTI, D. O. B. **Luiza-Homem**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977 [1903].

KOCH, I. G. V. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. **Veredas, revista de estudos linguísticos**. Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 29-42, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25294>. Acesso em: 10 jan. 2022.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: Introdução Crítica a uma Poética Sociológica. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

MIOTELLO, V. **A literatura como forma de compreensão da vida**. 18 jul. 2020. Youtube: Literatura de Quinta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FVIROni3Nc>. Acesso em: 12 jul. 2021.

MOITA LOPES, L. P. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos constructos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 45-63.

QUEIROZ, R. de. O Quinze. Rio de Janeiro: Editora José Olympio LTDA, 2012 [1930].

SANTOS FILHO, I. I. dos; SANTOS, H. P. S. dos. As palavras na berlinda: “os retirantes do coronavírus” / “o novo êxodo nordestino” [o linguístico, o histórico e o geográfico, no político]. In: MAIOR, Rita de Cássia Souto; BORGES, Lorena Araújo de Oliveira (org.). **Estudos das práticas de linguagem em tempos de**

pandemia. Maceió: Edufal, 2021. p. 96-117. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/8919>. Acesso em: 10 jan. 2022.

SANTOS FILHO, I. I. **Leitura e Produção de texto**. Natal: EDUFRN, 2016.

TÁVORA, F. **O Cabeleira**. 6.ed. São Paulo: Ática, 1993 [1876].

VALÉRIO, P. S. **O adjetivo sob um olhar enunciativo publicitário: a contribuição de Émile Benveniste**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Passo Fundo, 2005.

VOLÓCHINOV, V. Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado. In: VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 230 - 298.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 2.ed. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].